RESUMO EXPANDIDO - V. PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA À FORÇA DE TRABALHO EM ENFERMAGEM E OS SISTEMAS DE SAÚDE

VIOLÊNCIA LABORAL, ASSÉDIO E SUA ASSOCIAÇÃO COM A SAÚDE MENTAL EM ESTAGIÁRIOS DE ENFERMAGEM. // VIOLENCIA LABORAL, ACOSO Y SU ASOCIACIÓN CON LA SALUD MENTAL EN PASANTES DE ENFERMERÍA. // WORKPLACE VIOLENCE, BULLYING AND ITS ASSOCIATION WITH MENTAL HEALTH IN NURSING INTERNS.

Carlos Alberto Carreon Gutierrez (ccarreongtz@gmail.com)

Laura Roxana De Los Reyes Nieto (ldelosreyes@docentes.uat.edu.mx)

Laura Virginia Loredo Larraga (laloredo@uat.edu.mx)

Introdução

A violência e o assédio no ambiente de trabalho constituem um desafio global que impacta negativamente a saúde e o bem-estar dos trabalhadores. Na área da saúde, trata-se de uma problemática preocupante devido à natureza estressante do trabalho e às hierarquias existentes. Esse tipo de exposição não apenas afeta o desempenho laboral e profissional, mas também apresenta manifestações e implicações na saúde mental daqueles que sofrem violência e/ou assédio no trabalho, afetando seriamente a qualidade de vida e o ambiente ocupacional. Os estudantes em período de estágio curricular de serviço social

na área da saúde, incluindo medicina e enfermagem, encontram-se em uma posição de particular vulnerabilidade à violência e ao assédio laboral. O seu papel como estudantes, aprendizes e trabalhadores os expõe a dinâmicas de poder complexas, onde a exigência acadêmica e as responsabilidades clínicas podem se tornar um terreno fértil para o abuso.

Objetivo

Avaliar a associação entre a violência e o assédio laboral e os níveis de depressão, ansiedade, estresse e desesperança em estagiários de enfermagem.

Método

Estudo com desenho descritivo-correlacional e de corte transversal. A amostra foi integrada por 130 estagiários de enfermagem ativos durante o período de agosto-dezembro de 2025, pertencentes a uma instituição pública de ensino superior. Foram incluídos estagiários matriculados e ativos em seu serviço social; foram excluídos aqueles em período de licença ou com menos de dois meses de atividade na vaga. Para a mensuração do assédio psicológico no trabalho, utilizou-se o Inventário de Violência e Assédio Psicológico no Trabalho (IVAPT-Pando). A saúde mental foi avaliada por meio da Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21), enquanto o nível de desesperança foi medido com a Escala de Desesperança de Beck (BHS). Os instrumentos foram aplicados por meio de um formulário eletrônico, mediante consentimento livre e esclarecido. Coletaram-se dados sociodemográficos (sexo, idade, estado civil), acadêmicos (semestre, média geral) e do ambiente do serviço social (nível de atenção, turno de trabalho). Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, correlação de Spearman e o teste de Qui-quadrado de Pearson, utilizando o software estatístico Jamovi (versão 2.6).

Resultados

Identificou-se um claro predomínio do sexo feminino, representando 73.1% da amostra. Da mesma forma, a população caracterizou-se por ser jovem, relatando uma mediana de idade de 22 anos, sendo que a grande maioria declarou estado civil solteiro (91.5%). No âmbito acadêmico, 81.5% encontrava-se cursando ativamente o nono semestre da graduação, demonstrando um desempenho acadêmico de destaque, com uma mediana da média geral de 9.41. Em relação à distribuição das vagas de serviço social, 70.8% dos participantes desempenhavam suas funções em unidades hospitalares de segundo e terceiro níveis de atenção, enquanto os 29.2% restantes situavam-se no primeiro nível; além disso, a jornada de trabalho matutina foi a prevalente, com 77.7% dos casos.

Ao analisar os fenômenos de hostilizamento no ambiente da prática, detectou-se uma elevada prevalência de exposição ao conflito, onde 76.9% dos estagiários manifestaram vivenciar algum nível de violência laboral dentro de suas instituições receptoras; por sua vez, 16.9% da amostra total cumpriu os critérios para ser classificado com algum nível de assédio laboral formal. Em relação ao rastreamento da saúde mental, observaram-se dados de vulnerabilidade preocupantes, destacando que 40.8% dos estagiários apresentaram níveis de ansiedade catalogados entre moderados e extremos. Da mesma forma, a prevalência de depressão moderada a extrema situou-se em 22.4%, e o estresse em níveis de moderado a extremo afetou 20.8% dos estudantes.

A análise de inferência estatística por meio do teste de correlação de Spearman confirmou a existência de associações diretas, estatisticamente significativas e com direção positiva entre os escores de violência e assédio laboral com a totalidade das dimensões de saúde mental avaliadas ($p < 0.05$). Finalmente, as análises de contingência através do teste de Qui-quadrado de Pearson confirmaram associações significativas entre a presença de violência laboral e a desesperança ($p = 0.012$), a depressão ($p = 0.003$) e a ansiedade ($p = 0.003$). Em contrapartida, o assédio laboral formal demonstrou associação

estatisticamente significativa unicamente com a variável desesperança (p = 0.031).

Conclusão

Os achados deste estudo evidenciam uma problemática crítica e de alto impacto para a segurança ocupacional na enfermagem. A elevada prevalência de violência e assédio laboral percebida pelos estagiários, somada à sua estreita relação com o comprometimento da saúde mental e o desenvolvimento de desesperança, ressalta a sua vulnerabilidade durante a inserção no campo clínico. Essas dinâmicas de hostilizamento refletem, frequentemente, condutas disfuncionais e padrões culturais enraizados e herdados entre gerações dentro dos ambientes de saúde; uma realidade que, embora analisada na enfermagem, visibiliza um risco potencialmente compartilhado com outras disciplinas da saúde. Os resultados obrigam a uma profunda reflexão sobre a necessidade imperante de intervir de forma direta e articulada. É indispensável que tanto as instituições de ensino superior quanto as organizações receptoras de saúde colaborem no desenho e na implementação de políticas públicas e protocolos de tolerância zero ao mau trato laboral. Da mesma forma, requer-se garantir mecanismos de apoio direto e redes de atendimento psicológico acessíveis que protejam a integridade emocional do estagiário, assegurando um ambiente formativo seguro, ético e propício para o desenvolvimento profissional.

Introducción

La violencia y el acoso en el ámbito laboral es un desafío mundial que impacta a la salud y bienestar de los trabajadores de forma negativa. Para el área de la salud, es una problemática preocupante debido a la naturaleza estresante del trabajo y las jerarquías existentes. Este tipo de exposición no solo afecta el desempeño laboral y profesional, sino que también tiene manifestaciones e implicaciones en la salud mental de aquellos que sufren violencia y/o acoso en el trabajo, afectando seriamente la calidad de vida y el ambiente laboral. Los estudiantes pasantes de servicio social en el área de la

salud, incluyendo medicina y enfermería, se encuentran en una posición de particular susceptibilidad a la violencia y el acoso laboral. Su rol como estudiantes, aprendices y trabajadores los expone a dinámicas de poder complejas, donde la exigencia académica y las responsabilidades clínicas pueden ser terreno fértil para el maltrato.

Objetivo.

Evaluar la asociación entre la violencia y el acoso laboral con los niveles de depresión, ansiedad, estrés y desesperanza en pasantes de enfermería.

Método.

Estudio de diseño descriptivo-correlacional y corte transversal. La muestra estuvo integrada por 130 pasantes de enfermería activos durante el periodo de agosto-diciembre de 2025, pertenecientes a una institución pública de educación superior. Se incluyeron pasantes matriculados y activos en su servicio social; se excluyeron aquellos en periodo de licencia o con menos de dos meses de antigüedad en la plaza. Para la medición del acoso psicológico laboral se empleó el Inventario de Violencia y Acoso Psicológico en el Trabajo (IVAPT-Pando). La salud mental fue evaluada mediante la Escala de Depresión, Ansiedad y Estrés (DASS-21), mientras que el nivel de desesperanza se midió con la Escala de Desesperanza de Beck (BHS). Los instrumentos se aplicaron a través de una encuesta electrónica, previo consentimiento informado. Se recolectaron datos sociodemográficos (sexo, edad, estado civil), académicos (semestre, promedio general) y del entorno de servicio social (nivel de atención, turno). Los datos se analizaron mediante estadística descriptiva, correlación de Spearman y la prueba de Chi-cuadrada de Pearson, utilizando el software estadístico Jamovi (versión 2.6).

Resultados

Se identificó un claro predominio del sexo femenino con el 73.1% de la muestra. Asimismo, la población se caracterizó por ser joven, reportando una mediana de edad de 22 años, donde la gran mayoría declaró un estado civil soltero (91.5%). En el ámbito académico, el 81.5% se encontraba cursando de manera activa el noveno semestre de la licenciatura, mostrando un rendimiento académico destacado con una mediana de promedio general de 9.41. Respecto a la distribución de las plazas de servicio social, el 70.8% de los participantes desempeñaba sus funciones en unidades hospitalarias de segundo y tercer nivel de atención, mientras que el 29.2% restante se ubicaba en el primer nivel; asimismo, la jornada laboral matutina fue la prevalente con el 77.7% de los casos.

Al analizar los fenómenos de hostigamiento en el entorno de la práctica, se detectó una elevada prevalencia de exposición al conflicto, donde el 76.9% de los pasantes manifestó experimentar algún nivel de violencia laboral dentro de sus instituciones receptoras; por su parte, el 16.9% de la muestra total cumplió con los criterios para ser clasificado con algún nivel de acoso laboral formal. Respecto al tamizaje de la salud mental, se observaron cifras de vulnerabilidad preocupantes, destacando que el 40.8% de los pasantes presentó niveles de ansiedad catalogados entre moderados y extremos. De igual manera, la prevalencia de depresión moderada a extrema se situó en el 22.4%, y el estrés en rangos de moderado a extremo afectó al 20.8% de los estudiantes.

El análisis de inferencia estadística mediante la prueba de correlación de Spearman confirmó la existencia de asociaciones directas, estadísticamente significativas y con una dirección positiva entre los puntajes de violencia y acoso laboral con la totalidad de las dimensiones de la salud mental evaluadas ($p < 0.05$). Finalmente, los análisis de contingencia a través de la prueba de Chi-cuadrada de Pearson confirmaron asociaciones significativas entre la presencia de violencia laboral con la desesperanza ($p = 0.012$), la depresión ($p = 0.003$) y la ansiedad ($p = 0.003$). En contraste, el acoso laboral formal únicamente demostró una asociación estadísticamente significativa con la variable de desesperanza ($p = 0.031$).

Conclusión

Los hallazgos de este estudio evidencian una problemática crítica y de alto impacto para la seguridad ocupacional en enfermería. La elevada prevalencia de violencia y acoso laboral percibida por los pasantes, sumada a su estrecha relación con el deterioro de la salud mental y el desarrollo de desesperanza, subraya su vulnerabilidad durante su inserción al campo clínico. Estas dinámicas de hostigamiento reflejan, frecuentemente, conductas disfuncionales y patrones culturales arraigados y heredados entre generaciones dentro de los entornos sanitarios; una realidad que, si bien se analizó en enfermería, visibiliza un riesgo potencialmente compartido con otras disciplinas de la salud. Los resultados obligan a una profunda reflexión sobre la necesidad imperante de intervenir de forma directa y articulada. Es indispensable que tanto las instituciones de educación superior como las organizaciones receptoras de salud colaboren en el diseño e implementación de políticas públicas y protocolos de tolerancia cero al maltrato laboral. Asimismo, se requiere garantizar mecanismos de apoyo directo y redes de atención psicológica accesibles que protejan la integridad emocional del pasante, asegurando un entorno formativo seguro, ético y propicio para el desarrollo profesional.

Introduction

Workplace violence and bullying constitute a global challenge that negatively impacts the health and well-being of workers. Within the healthcare sector, this is a concerning issue due to the stressful nature of the work and embedded professional hierarchies. This type of exposure not only impairs occupational and professional performance, but also has significant manifestations and implications for the mental health of those targeted, severely affecting their quality of life and the work environment. Student interns completing their public health service placement, including those in medicine and nursing, are in a position of particular susceptibility to workplace violence and bullying. Their multifaceted role as students, learners, and workers exposes them to complex power dynamics, where academic demands and clinical responsibilities can provide fertile ground for mistreatment.

Objective

To evaluate the association between workplace violence and bullying and the levels of depression, anxiety, stress, and hopelessness among nursing interns.

Method

A descriptive-correlational, cross-sectional study design was employed. The sample comprised 130 active nursing interns during the August-December 2025 period, from a public higher education institution. Registered interns active in their public health service placement were included; those on leave or with less than two months of activity in their placement post were excluded. Workplace psychological harassment was measured using the Workplace Violence and Psychological Harassment Inventory (IVAPT-Pando). Mental health was assessed using the Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21), whilst the level of hopelessness was measured using the Beck Hopelessness Scale (BHS). The instruments were administered via an electronic survey, following informed consent. Sociodemographic data (sex, age, marital status), academic data (semester, overall grade point average), and placement environment characteristics (healthcare level, work shift) were collected. Data were analysed using descriptive statistics, Spearman's correlation, and Pearson's Chi-squared test, utilising the Jamovi statistical package (version 2.6).

Results

A clear predominance of the female sex was identified, accounting for 73.1% of the sample. Furthermore, the population was characterised as young, reporting a median age of 22 years, with the vast majority declaring a single marital status (91.5%). Academically, 81.5% were actively undertaking their ninth undergraduate semester, demonstrating an outstanding academic performance with a median overall grade point average of 9.41. Regarding the distribution of service placement posts, 70.8% of the participants performed their duties in

secondary and tertiary care hospital units, whereas the remaining 29.2% were located in primary care; additionally, the morning work shift was prevalent in 77.7% of cases.

When analysing harassment phenomena within the practice environment, a high prevalence of exposure to conflict was detected, with 76.9% of interns reporting some level of workplace violence within their host institutions; meanwhile, 16.9% of the total sample met the criteria to be classified as experiencing formal workplace bullying. Concerning mental health screening, worrying figures of vulnerability were observed, highlighting that 40.8% of the interns presented anxiety levels categorised between moderate and extreme. Similarly, the prevalence of moderate to extreme depression stood at 22.4%, and stress within moderate to extreme ranges affected 20.8% of the students.

Statistical inference analysis using Spearman's correlation test confirmed the existence of direct, statistically significant, and positively directed associations between workplace violence and bullying scores and all the assessed dimensions of mental health ($p < 0.05$). Finally, contingency analyses using Pearson's Chi-squared test confirmed significant associations between the presence of workplace violence and hopelessness ($p = 0.012$), depression ($p = 0.003$), and anxiety ($p = 0.003$). In contrast, formal workplace bullying only demonstrated a statistically significant association with the hopelessness variable ($p = 0.031$).

Conclusion

The findings of this study evidence a critical and high-impact issue for occupational safety in nursing. The high prevalence of perceived workplace violence and bullying among interns, coupled with its close relationship with the deterioration of mental health and the development of hopelessness, underscores their vulnerability during clinical integration. These harassment dynamics frequently reflect dysfunctional behaviours and deeply ingrained cultural patterns inherited across generations within healthcare settings; a reality that, whilst analysed in nursing, highlights a risk potentially shared with other

health disciplines. The results compel a profound reflection on the imperative need for direct and coordinated intervention. It is indispensable that both higher education institutions and healthcare provider organisations collaborate in the design and implementation of public policies and zero-tolerance protocols towards workplace mistreatment. Furthermore, it is required to guarantee direct support mechanisms and accessible psychological care networks that protect the emotional integrity of the intern, ensuring a safe, ethical, and conducive educational environment for professional development.

Referências//Referencias//References

Abarrán Rodríguez, K., & Osornio Castillo, L. (2022). Experiencias de violencia en médicos pasantes por parte de los docentes durante su formación. Revista Electrónica de Psicología Iztacala. 25(2). https://www.revistas.unam.mx/index.php/repi/article/view/82926

Chiliquinga Aguilar, J. A., & Velasco Acurio, E. F. (2025). Violencia percibida por estudiantes de enfermería durante sus prácticas clínicas. Revista Científica Arbitrada en Investigaciones de la Salud GESTAR. 8(15). https://journalgestar.org/index.php/gestar/article/view/180

González, M., & Díaz Ramos, M. (2020). Violencia institucional en el campo médico: entre la formación y la opresión. Revista Salud Colectiva. 16(1), e2563. https://revistas.unla.edu.ar/saludcolectiva/article/view/2563

Palavras-chave: violência no trabalho; assédio psicológico; saúde mental; etudantes de enfermagem.